

Análise de Discurso Crítica (adc): transdisciplinaridade e atualidade teórico - metodológica para pensar discursos e relações de poder

Erick Cruz Padilha

Universidade Estadual do Ceará - UECE

David Barbosa de Oliveira

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Resumo

Este artigo se baseia em metodologia bibliográfica e tem como objeto a abordagem metodológica de investigação científica conhecida como Análise de Discurso Crítica (ADC). Foram pesquisados sua origem, seus precursores e seu caráter transdisciplinar. Investigou-se como ADC compreende a relação entre agência e estrutura, bem como entre texto, discurso e prática social. Examinou-se de quais modos conceitos como ideologia, intertextualidade e hegemonia se relacionam para a Análise de Discurso Crítica. O artigo traz ainda resultados de pesquisa sobre uma via de ADC que vem crescendo no Brasil (a proposta teórica de Norman Fairclough) e uma reflexão sobre a possibilidade de utilização e de atualidade da ADC em pesquisas que venham a ser desenvolvidas no atual contexto sóciopolítico deste país.

Palavra-chave análise de discurso; linguagem; poder; dominação; hegemonia.

Abstract

This article is based on bibliographic methodology and has as its object the methodological approach of scientific investigation known as Critical Discourse Analysis (ADC). Its origin, its precursors and its transdisciplinary character were investigated. We investigated how ADC understands the relationship between agency and structure, as well as between text, discourse and social practice. It was examined how concepts such as ideology, intertextuality and hegemony are related to Critical Discourse Analysis. The article also brings research results on an ADC path that has been growing in Brazil (the theoretical proposal of Norman Fairclough) and a reflection on the possibility of using and updating the ADC in research that may be developed in the current socio-political context of this parents.

Key-word discourse analysis; language; power; domination; hegemony.

Introdução

Considerando a importância do estudo das representações discursivas é válido salientar que Gill (2008, p.245) menciona a existência de pelo menos 57 formas de fazer análise de discurso, explicando que esta metodologia de pesquisa conhecida como AD se desenvolveu durante o século XX. A AD surgiu a partir de críticas ao positivismo e à epistemologia na pós-modernidade, por influência do estruturalismo e do pós-estruturalismo. Ela possui como características elementos como ceticismo com relação à capacidade das nossas observações do mundo o expressar de forma autêntica (procura perceber em que medida é possível reconhecer que o conhecimento é construído socialmente) e o reconhecimento da influência da nossa situação, enquanto seres historicamente situados e envolvidos em processos e práticas sociais na nossa compreensão do mundo (entende-se que isso deve servir para reconhecer a relatividade das nossas certezas em nossos discursos). Segundo Gill (2008, p. 48), a análise de discurso percebe a linguagem como algo que tanto é construído como pode ser usado para construir. Por isso um analista de discurso se preocupa com o discurso enquanto texto, ao mesmo tempo, em que o vê como uma ação que se relaciona com uma organização retórica atuante em âmbito social.

1. Metodologia

Entre as várias formas de AD que existem, pode-se afirmar que a Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Análise de Discurso Crítica (ADC) é “um campo de ensino e pesquisa transdisciplinar que tem sido amplamente difundido nas ciências sociais e nas humanidades em geral” (BARROS; VIEIRA; RESENDE, 2016) há cerca de duas décadas no Brasil e no mundo, contribuindo nos campos da teoria e da metodologia em estudos voltados para o discurso.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) oferece em sua proposta teórico-metodológica abertura para o diálogo entre diferentes disciplinas na tentativa de apreender objetos de pesquisa. Ela possui uma tradição, desde sua origem, de buscar a valorização de elementos da linguagem em uma relação mútua com aspectos comumente estudados pelas ciências humanas e sociais.

Para compor este artigo, além de pesquisarmos sobre a origem da ADC, investigamos a possibilidade desta abordagem metodológica de proposta transdisciplinar servir, de modo convincente, a pesquisas que relacionam elementos da linguística com elementos das ciências sociais. Isto foi realizado a partir da análise das bases teóricas e metodológicas da ADC, considerando, sobretudo a modalidade desenvolvida pelo teórico britânico Norman Fairclough, a qual vem se popularizando no nosso país. Neste trabalho, refletiu-se ainda sobre utilidade e atualidade da ADC para pesquisas que busquem analisar discursos e relações de poder na atual conjuntura sóciopolítica do Brasil.

2. Resultados e discussão

2.1 Análise de Discurso Crítica (adc): linguagem e poder

De acordo com Wodak (2004, p.227), a ADC é uma abordagem que envolve diferentes disciplinas e começou a ser elaborada a partir de reuniões que ocorreram na Holanda no início da década de 90, entre estudiosos do campo da linguística de diferentes

países do continente europeu que, interessados em se desenvolver mais em alguns temas aos quais já vinham buscando relação (como discurso, poder, ideologia e práticas sociais), confrontaram suas ideias. Dessas reuniões, teria surgido não apenas um método, mas diferentes métodos, o que faz, de acordo com a autora, com que seja preferível chamar a ADC de “abordagem” do que de “metodologia”.

Para os estudiosos de Análise de Discurso Crítica (ADC), perspectivas e recursos metodológicos trabalhados por linguistas podem trazer também uma grande riqueza na compreensão da relação dialética entre discurso e contexto, principalmente no tocante à compreensão do discurso não apenas como consequência das práticas sociais, mas, como um momento delas, tendo inclusive um papel fundamental na disputa de sentidos que propicia a construção de novas práticas sociais, bem como a tentativa de naturalizá-las (FAIRCLOUGH, 2003).

Para Van Leuveen (1993 *apud* WODAK, 2004), entre o discurso e as práticas sociais existem dois tipos de relação, uma é do tipo foucaultiano, que se refere ao discurso como forma de conhecimento que representa as práticas sociais e a outra é referente ao discurso como forma de ação, sendo ele próprio uma prática social. Nesse sentido, Gill (2008, p.248) lembra que “como atores sociais, nós estamos continuamente nos orientando pelo contexto interpretativo em que nos encontramos e construímos nosso discurso para nos ajustarmos a esse contexto”.

Vale ressaltar que, embora tenha dado seus primeiros passos na Europa, a análise de discurso crítica já percorre, há algum tempo, um caminho fora da mesma. Como novo campo de estudos e de surgimento de novos pesquisadores, a América Latina tem ajudado, inclusive, essa abordagem metodológica a se expandir de forma ainda mais plural, trazendo à mesma outras possibilidades de aplicação a problemas reais de um outro espaço, ajudando a ampliá-la também no que tange a perspectivas teóricas (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.18). No Brasil, a primeira investigadora a desenvolver pesquisas utilizando a abordagem metodológica da análise de discurso crítica foi a professora da Universidade Nacional de Brasília, Izabel Magalhães (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.21).

Partindo da compreensão de que algumas pessoas, pelos seus recursos e pela posição social que ocupam, têm à sua disposição mais meios e oportunidades de combater desigualdades que se perpetuam, analisar criticamente a linguagem relacionando-a com posições sociais e poder é um dos objetivos da ADC, haja em vista que os estudiosos que se utilizam desta abordagem interdisciplinar entendem que a linguagem não possui poder em si mesma. Ao contrário, ela adquire poder de fato a partir do uso que os agentes sociais fazem dela (WODAK, 2004, p. 236). Assim, entende-se que “a língua não é uma estalagem e sim um estaleiro, isto é, nela não se dorme, nela se montam, constroem e lançam mundos ao mundo” (MARCUSCHI, 2004/2005). Para a ADC, sociedade e discurso se configuram reciprocamente, e esta abordagem “almeja investigar, criticamente, como assimetrias são expressas, sinalizadas, constituídas, legitimadas, naturalizadas e mantidas, por algum tempo, pelo discurso” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 49-50).

Dijk (2017, p.117) destaca “poder social”, sejam de grupos ou de instituições, como uma noção central para a ADC. Reconhecendo a amplitude da discussão sobre este conceito, o autor sugere enxergar habitualmente o poder em uma relação com o controle, o que traz a possibilidade de perceber que alguns grupos ou instituições na sociedade possuem mais recursos do que outros a depender do contexto. Isso os capacita a exercer maior controle sobre corpos e mentes, fazendo dos mesmos, portanto, mais poderosos nas disputas por sentido em meio a tensões sociais situadas.

Elemento importante na análise de discurso crítica, o conceito de ideologia é entendido por Wodak (2004) como algo que cria e mantém relações de poder desiguais perpassando instituições sociais por meio da linguagem.

Para pensar “ideologia”, J.B. Thompson (2011, pp. 42-43), autor que influenciou a obra de grandes pesquisadores de ADC, parte de um estudo sobre os muitos conceitos já desenvolvidos sobre o tema por diferentes pensadores. Refletindo acerca de vários usos dados para o mesmo ao longo da história, J.B. Thompson propõe reformulá-lo de um modo assumidamente seletivo com o objetivo de evitar que o mesmo caia em uma relatividade que, segundo este autor, ameaça esvaziá-lo de sentido.

Isso leva este teórico a explicitar (THOMPSON, 2011, pp. 27-28) cinco modos gerais de operação da ideologia, os quais chama de: legitimação (quando relações de dominação são apresentadas como legítimas); dissimulação (quando relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas); unificação (quando ocorre construção simbólica de identidade coletiva; fragmentação (quando indivíduos e grupos que podem representar ameaça ao grupo dominante são segmentados); reificação (quando se retrata uma situação transitória como permanente e natural).

Entende-se assim que “grande parte do discurso está implicada em estabelecer uma versão do mundo diante de versões competitivas” (GILL, 2008, p.250). Procurando compreender nos discursos como se organizam e se empregam formas simbólicas de dominação, a ADC ajuda também a desmistificar violências simbólicas dentro dos contextos em que as investigações ocorrem. Interessa à ADC investigar como o poder é exercido, como o conhecimento é constituído e transmitido, como as instituições sociais se organizam e como tudo isso se relaciona com o funcionamento da linguagem (WODAK, 2004, p.236).

Vale destacar que, Para Bourdieu (1996, p. 16), considerável influência nos estudos em ADC, violência simbólica é “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer”. Nesse sentido vale lembrar que o discurso tem um “potencial socialmente estruturado e estruturante” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014).

Dijk (2017, p. 118) destaca que o poder assume a forma de hegemonia por parte de alguns grupos sociais dominantes na medida em que ele se exerce como um controle de recursos “integrado a leis, regras, hábitos, normas e mesmo um consenso geral”.

Assim, ancorada em coerções estruturais concretas e alimentada ideologicamente por ordens de discurso que procuram se estabelecer como verdades naturais e universais que bem disfarçam seu caráter arbitrário, forma-se uma densa estrutura social que tende a limitar as possibilidades de ações humanas que não se destinem à reprodução dela própria (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014).

Dessa forma, vale ressaltar também que teóricos da ADC acreditam ser possível concentrar uma luta hegemônica em pontos de instabilidade das relações de domínio na sociedade, levando em consideração que “hegemonia” numa concepção gramsciana é compreendida como uma relação de dominação instável em maior ou menor grau, de um grupo social sobre outros, a qual se sustenta em grande medida na utilização do consenso, não só no uso da força (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 43).

Assim, “uma vez que a hegemonia é vista em termos da permanência relativa de articulações entre elementos sociais, existe uma possibilidade intrínseca de desarticulação

e rearticulação desses elementos” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 44). Portanto, compreendendo que as manipulações pelo poder se utilizam também de formas linguísticas, a ADC defende a ideia de que há uma unidade permanente entre a linguagem e as questões sociais, entre o poder exercido na sociedade e a linguagem. Assim, mesmo entendendo que o poder não tem como origem a linguagem, é possível deduzir que a mesma pode ser utilizada para desafiá-lo e pode contribuir para alterar a forma como ele é distribuído em estruturas da sociedade. É preciso reconhecer, portanto, que gêneros textuais e formas gramaticais são elementos imbuídos de poder por agentes sociais em conjunturas onde há disputa por sentido, o que aponta para a necessidade de reflexão sobre a “intertextualidade e a recontextualização de discursos que competem entre si” (WODAK, 2004, p. 237).

2.2 A ADC Faircloughiana

Apresentada de modo geral até aqui esta abordagem metodológica (ADC) que envolve diferentes teóricos, os quais, embora possuam pontos em comum, possuem variações em suas concepções que influenciam em seus modos de fazer, passaremos a focar no arcabouço teórico-metodológico proposto por um teórico que é considerado um dos pilares da ADC e tem influenciado muitos pesquisadores no Brasil: Norman Fairclough, o qual afirma que todo discurso possui três dimensões (GUIMARÃES, 2012). Afirmar que este autor defende uma análise tridimensional de discursos significa dizer que para ele qualquer discurso deve ser entendido como algo que é ao mesmo tempo texto, prática discursiva e prática social (FAIRCLOUGH, 2001, pp. 19-22).

De acordo com este teórico, para se pensar uma teoria social adequada para a linguagem é necessário pensar uma abordagem de análise linguística que seja capaz de investigar da melhor forma possível relações entre alterações de práticas socioculturais e mudanças na linguagem. Isto nos leva a atentar para a seguinte complexidade: além de qualquer discurso que venha a ser o objeto de uma determinada pesquisa em ADC possuir um conteúdo da linguagem, que deve se buscar entender por meio de análise textual, precisa-se procurar situar este conteúdo como parte de um evento discursivo. Ou seja, considerando-o dentro de tensões próprias de pequenos contextos espaço-temporais onde o discurso é proferido. Isso ao mesmo tempo em que se faz necessário percebê-lo dentro de um recorte maior, no qual o discurso está ligado a ideias, práticas e relações sociais mais abrangentes, as quais alguns grupos sociais podem estar procurando naturalizar cada vez mais e estabelecer como rotina em conjunturas que envolvem relações de poder de grupos sociais sobre outros.

Do ponto de vista filosófico, a ADC faircloughiana reconhece a influência do Realismo Crítico (RC), movimento que surgiu na Grã-Bretanha na segunda metade do século XX (cujo pensador de destaque é Roy Bháskar) e defende que existem aspectos concretos no mundo que independem da nossa capacidade de tentar apreendê-los enquanto objeto para que eles existam de fato. Para o RC, o mundo social tem caráter mutável e, embora reconhecidamente complexo para que seja totalmente decodificado e mudado, ele pode ser entendido como um sistema que em alguma medida se apresenta em aberto e possui potencial para demonstrar efeitos imprevisíveis (RAMALHO, 2006).

O Realismo Crítico ajuda a perceber que, embora eventos discursivos produzam textos que geram consequências sobre o mundo social, estes efeitos sobre as práticas sociais não podem ser pesquisados apenas a partir do aspecto discursivo. Assim, é necessário ter como foco não um objeto isolado e estático, mas sim uma “relação dialética entre os

momentos da prática e o potencial do discurso para a compreensão de outros aspectos da própria prática” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 35-36).

O RC defende que é necessário interpretar significados, buscando assim, ao invés de achar regularidades nos processos sociais estudados, encontrar onde e como eles se conectam (BARROS; VIEIRA; RESENDE, 2016). Como a própria ADC, o RC possui inclinação emancipatória. Considerando que as estruturas sociais resultam da ação humana ao mesmo tempo em que a constroem e a tornam possível, tanto ADC como RC se preocupam em investigar como fluem as práticas sociais. Ambos buscam o ponto em que se conectam agência humana e estrutura social.

Dito de outro modo, “são as ações localizadas dos atores sociais que estabilizam, em maior ou menor grau, a prática, do mesmo modo que o conhecimento internalizado da prática ajusta o modo de agir do ator social aos limites previstos por esta mesma prática” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018).

No campo da linguística, a obra de Fairclough é bastante influenciada pela Linguística Sistêmico-Funcional. A LSF defende que a língua é algo que serve não só para a reflexão, mas também para a ação. Por esta ótica, a língua não só tem o poder de expressar, mas também de criar significado, devendo a mesma ser investigada não só na sua realidade externa, ou seja, nas práticas sociais, mas também na sua realidade interna. Isso diz respeito à organização e estruturação da língua e do próprio discurso (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014).

Para Fairclough (2010 *apud* GONÇALVES-SEGUNDO, 2014) a análise de discurso crítica (ADC) é transdisciplinar. Ela atravessa limites entre disciplinas em busca do conhecimento que é mutável e complexo. Ela também é dialética e relacional porque enxerga discurso em sua relação com contexto e poder, tendo um foco de abordagem que não se limita ao estudo da linguagem ou da prática social. Ambas as características se relacionam bem com categorias da LSF. Analisar discursos estabelecendo relações entre áreas diversas é algo desafiador, mas pode ser um processo mais rigoroso do ponto de vista científico se esse percurso se orientar por uma metodologia que surgiu e foi desenvolvida a partir desta proposta.

Contudo, vale lembrar que a ADC como uma abordagem transdisciplinar, no máximo se propõe a utilizar-se por vezes da LSF como instrumento útil para a análise de textos. Ela não pretende transformar-se em uma espécie de campo teórico que se limite a servir de base para descrever sistemas da linguística, como se fosse a extensão de algum (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014).

Assim, pode-se dizer que o discurso, para Fairclough (2001, p.91-92) não só representa, mas cria significados mediante uma triplicidade que ele chama de “três aspectos dos efeitos construtivos do discurso”: o discurso contribui para construir uma identidade social na medida em que ajuda a desenvolver um “eu” a partir de uma imagem que o indivíduo passa a fazer de si mesmo em relação a outras pessoas (o que o autor chama de “função identitária da linguagem); o discurso ajuda o “eu” a orientar suas formas de construir relações com outras pessoas na sociedade (o que o autor chama de “função relacional” da linguagem); o discurso ajuda a construir “sistemas de conhecimento e crença” (o que o autor chama de “função ideacional” da linguagem).

Voltando-nos para outras bases teóricas que influenciaram o pensamento de Fairclough (2001, p.28), vale destacar que a sua formulação de análise de prática social tem como questão central o conceito de ideologia e o de hegemonia, ao passo que a sua análise

da prática discursiva tem como centro o conceito de “intertextualidade”. Este último é compatível com o papel prioritário que Fairclough (2001, p.135) dá à possibilidade de estruturar e reestruturar ordens de discurso e seus sentidos.

Para Fairclough (2001), isso significa dizer que o conceito de intertextualidade, na medida em que é útil para que percebamos cada enunciado como algo que se liga a outros enunciados, ajuda também a pensar algo que pode ter sido ocultado na produção de um texto. Ou seja, este autor entende que é possível, a partir dessa ferramenta teórica, pensar a quais textos o texto que se estuda se propõe a ser uma resposta e como esse texto ou enunciado foi moldado por textos que o antecederam e por textos que, de certa forma, ele mesmo antecede. Vale ressaltar que o autor propõe como caminho para investigar relações entre mudanças discursivas e mudanças socioculturais, justamente a interação entre o conceito de “hegemonia” e o de “intertextualidade” (FAIRCLOUGH, 2001, p.28-29).

Em uma relação entre texto (discurso) e prática social, interessa-nos perceber que ocorre, segundo Resende & Ramalho (2006, p.65) uma “interação polifônica” que resgata vozes que antecedem aquilo que é proferido mediante uma representação discursiva e se põe como antecipação de vozes que são posteriores ao discurso. Essa é uma noção central para perceber a “linguagem como um espaço de luta hegemônica”, pois ela pode ser utilizada como observatório de contradições que existem socialmente ligadas a lutas que envolvem relações de poder e “que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, por exemplo, e articulá-las de determinadas maneiras num conjunto de outras possibilidades”. Tudo isso em um imbricado jogo de relações de poder, pode apontar para a possibilidade de mudança não só de discursos, mas de práticas sociais.

Assim, evidencia-se, em uma relação próxima com o conceito de hegemonia, a centralidade do conceito de intertextualidade na obra de Norman Fairclough. Dessa forma, pode-se dizer que “a rápida transformação e reestruturação de tradições textuais e ordens do discurso é um extraordinário fenômeno contemporâneo, o qual sugere que a intertextualidade deve ser um foco principal na análise de discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p.135).

No mais, quanto à abordagem faircloughiana, resta-nos deixar claro que, de acordo com Magalhães (2017, p.127-129), ela tem sido influenciada por teóricos sociais que tem procurado compreender como transformações das últimas décadas estão influenciando elementos como relações de poder, identidade, discursos e práticas sociais. Destes pensadores, tem ganhado destaque nos escritos faircloughianos dois em especial, o geógrafo David Harvey (1996) e o sociólogo Anthony Giddens (1991). O primeiro tem sido utilizado para possibilitar uma maior compreensão de “mudanças econômicas” que vem causando impactos no “campo da cultura” em várias sociedades no contexto da globalização, onde se desenvolve uma efemeridade que “pode ser aplicável tanto às mercadorias, como a valores, estilos de vida, relacionamento e outras coisas”. O segundo tem sido usado para melhor percepção de como o poder tem se estabelecido na “modernidade tardia”, período marcado pelo desenvolvimento mais intenso da tecnologia e das comunicações que vem reduzindo as limitações entre espaço e tempo influenciando comportamentos das sociedades pelo mundo e provocando uma sensação de “desencaixe” nos indivíduos.

Contudo, tem crescido no Brasil e em outras partes da América Latina uma tendência intelectual que utiliza pressupostos da ADC de Fairclough, mas, é bastante comprometida com a necessidade de encontrar respostas utilizando bases teóricas deste lado do hemisfério. Por isso lança mão de teóricos locais, os quais poderiam, segundo essa

perspectiva, explicar melhor, e de modo mais minucioso, processos históricos que nos dizem respeito a partir de suas teorias, as quais foram elaboradas por meio da observação de nossas próprias práticas sociais. Esse uso da ADC faircloughiana abre inúmeras e ricas possibilidades de construção teórica e de busca de representação da realidade.

Nesse sentido, diante do nebuloso contexto político que o Brasil vem atravessando, vale destacar a reflexão que a cientista política brasileira Evelina Dagnino (2004, p.98) realizou em um passado recente avaliando o que alguns termos como “cidadania”, “democracia” e “participação política” estavam se tornando no Brasil menos de duas décadas depois da promulgação da Constituição Federal de 1988. Dagnino defendeu a ideia de que projetos políticos distintos que se relacionavam com efeitos da globalização operavam no Brasil e apontavam para um “deslocamento semântico” que colocava em risco a efetividade prática da própria Constituição. A autora naquela altura já alertava para “a necessidade de conferir um maior peso explicativo à noção de projeto político”. Para lembrar as palavras de Dagnino (2004, p. 98), pode-se afirmar que é necessário manter foco “na investigação e análise dos distintos projetos políticos em disputa, (...) no esforço de desvendar a crescente opacidade construída por referências comuns, através da explicitação dos deslocamentos de sentido que sofrem”.

Considerando a ADC enquanto forma de AD que tem como característica a premissa das relações entre diferentes disciplinas, além de uma forte abertura para utilização de teóricos que produzem em contextos localizados, pode-se afirmar que esta abordagem metodológica apresenta-se como opção interessante e promissora para nortear pesquisas acerca das relações entre discurso e poder no atual contexto brasileiro.

3. Conclusões

A análise de Discurso Crítica é uma modalidade de AD que surgiu em território europeu mas que apresenta fortes aberturas teórico-metodológicas para realização de pesquisas embasadas em conjunturas ligadas aos seus próprios contextos. Ela tem um caráter transdisciplinar e utiliza em suas bases escritos de pensadores de diversas disciplinas ligadas às ciências humanas e sociais.

A ADC concebe a linguagem não só como consequência das práticas sociais, mas também como uma forma de prática social, e por isso também se preocupa de forma mais detalhada com os textos enquanto discursos.

Essa forma de AD se opõe a qualquer concepção de possibilidade de neutralidade científica. Ela é assumidamente comprometida com emancipação social e, além de investigar relações entre poder e discurso nas práticas sociais, procura desenvolver pesquisas que possam ser utilizadas na luta de grupos sociais desfavorecidos. No Brasil tem ganhado destaque os escritos do teórico britânico Norman Fairclough, com sua proposta de discurso tridimensional e sua teoria que procura conjugar saberes da linguística com saberes das ciências sociais, relacionando, por exemplo, conceitos como intertextualidade e hegemonia.

Tendo a ADC propensão a construções interdisciplinares, a iniciativa recente de pesquisadores brasileiros de utilizar autores nacionais para embasar sócio historicamente as pesquisas neste país abrem inúmeras e ricas possibilidades de utilização desta abordagem metodológica.

Desse modo, a Análise de Discurso Crítica apresenta-se como uma proposta que dialoga bem e de forma promissora com a atualidade das pesquisas que abordam questões que envolvem relações sociais, disputas por poder e construções discursivas no conturbado contexto nacional.

Referências bibliográficas

BARROS, S., VIEIRA, V., RESENDE, V. Realismo crítico e análise de discurso crítica: hibridismo de fronteiras epistemológicas. *Polifonia*, Cuiabá- MT, v. 23, n. 33, p.11-28, jan./jun, 2016.

BOURDIEU, P. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

DAGNINO, Evelina. *Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?* In: MATO, Daniel (Coord.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: Faces; Universidad Central de la Venezuela, 2004. p. 95-110. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/venezuela/faces/mato/Dagnino.pdf>>. Acesso em: 20 fev., 2019.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.114.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GILL, Rosalind. *Análise de discurso*. In: BAUER, Martin W, GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GONÇALVES-SEGUNDO, P.R. *Discurso e prática social*. In: BATISTA Jr., Ribamar Lopes, SATO, Denise Tamaê Borges, MELO, Iran Ferreira. *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018.

_____. *Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso: explorando convergências e explicitando especificidades*. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1282-1297, set./dez. 2014.

GUIMARÃES, Cléber Pacheco. *Análise Crítica do Discurso: Reflexões sobre Contexto em van Dijk e Fairclough*. *Revista Eutomia*, V.1, n. 9, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/959>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

HARVEY, David. *Justice, nature and the geography of difference*. Londres: Blackwell, 1996.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

MARCUSCHI, L.A. *O papel da atividade discursiva no exercício do controle social*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 7, p. 7-33, 2004/2005.

RAMALHO, V., RESENDE, V. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. CAMPINAS, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE,V., RAMALHO, V. Análise de discurso crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIEIRA, Josenia Antunes, MACEDO, Denise Silva. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA Jr., Ribamar Lopes, SATO, Denise Tamaê Borges, MELO, Iran Ferreira. Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018.

WODAK, R. Do que se trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 223-243, 2004.